



INTERIOR DA MESQUITA D'ACHMET.

AINDA não ha muitos annos que era difficil obter qualquer europeu livre entrada n'um templo musulmano, e só por um firman especial, concedido, como graça mui notavel, podia o forasteiro christão observar pela banda de dentro as mesquitas de Constantinopola, que por sua grandiosa architectura são afamadas, como por exemplo, a que a nossa gravura representa: mas nem por isso o decreto imperial preservava ás vezes o estrangeiro dos insultos e ultrajes da populaça fanatica. Por consequencia, apenas era bem conhecida a fórma externa desses edificios consagrados á crença do falso propheta. Presentemente, depois das reformas do fallecido sultão, Mahmud 2.^o, que amaciaram o orgulho e o caracter austero dos turcos, é facil entrar nas mesquitas e sair sem perigo. — Entre a multidão desses templos, que encerra Constantinopola, ha quatorze, denominadas imperiaes, todas de grande magnificencia e belleza, sessenta ordinarias, que posto que não iguaem aquellas, são mais ou menos consideraveis, e alem disso duzentas pequenas ou como uma especie de capellas.

VOL. V. ABRIL 24. — 1841.

Santa Sophia (1) é o principal templo da capital otomana, mas o sultão e a côrte assiste ás tres grandes festas (2) dos turcos só na mesquita d'Achmet, fundada junto ao antigo hippodromo (3) pelo sultão, primeiro daquelle nome, que reinou de 1603 a 1617. É formoso monumento, e lhe chamam commummente *Alli-Minarely*, a dos seis curuchéus, porque todas as outras só tem quatro, ou dois. Esta mesquita é separada do hippodromo por um muro pouco alto, em que ha rasgadas tres portas e 72 janellas, guardadas de grades, que fecha um pateo lageado de marmore, refrescado por uma formosa fonte, pelo qual se estende uma galeria cuberta, de 26 arcadas, com as cúpulas revestidas de chumbo e sustentadas sobre columnas de granito egypcio e bases de bronze. A mesquita é de fórma quadrada; o seu zimbório,

(1) Vid. a estampa e noticia em o n.^o 193.

(2) Sobre as festas dos turcos consulte-se o art.^o inserto de pag. 156 do 1.^o vol. em diante.

(3) Especie de praça ou picadeiro, onde os gregos antigos ensinavam os cavallos a correr.

muito mais elegante que o de Santa Sophia, estribase em grossissimas columnas, e cada um de seus curuchéus, que muito o sobrepujam em altura, tem tres varandas e galerias circulares: este edificio magnifico, visto do cimo da antiga columna espiral de bronze, ou do antigo obelisco levantado no meio do hippodromo, com o zimbório de Santa Sophia ao longe, é uma das vistas mais bellas de Constantinopola.

Como porem nem todos farão idea do que são os templos mahometanos, daremos aqui breve noticia delles. — Por mais vastas que sejam as suas dimensões, na parte interior é extrema a simplicidade dos ornamentos: não ha estatuas nem quadros, porque a religião de Mafoma, como a de Moysés, prohibe o esculpir ou pintar individuos vivos; nem sons d'orgão, nem musicas retumbam por aquellas abobadas. N'algumas mesquitas imperiaes as columnas são lavradas, e nos arcos, nas cúpulas e nas paredes se veem baixos relevos e mosaicos de flores e arabescos, porem estes, com mais alguns á roda das numerosas janellas, são os unicos ornatos que as enfeitam. Os tres objectos principaes são: — o mihrab, impropriamente chamado altar por alguns viajantes, porque não é mais que um nicho, de 6 a 8 pés d'altura, feito na parede, no cabo da mesquita, para indicar a direcção da cidade de Méca, para onde os crentes se devem voltar quando rezam; á esquerda deste ha um pequeno eirado, onde estão os muezins, os pregoeiros que chamam á oração, durante a prática de suas ceremonias; para a direita fica uma especie de pulpito para as raras vezes que acontece prégar o iman, ou mestre da lei.

Pelas paredes ha a cada passo lettreiros dos nomes de Deus, dos quatro primeiros califas, de Mahomet, e taboinhas com breves sentenças do Alcorão. Algumas alampadas de prata pendem dos tectos, mas são raras e pequenas, de fórma que mui pouco effeito produzem em vastos recintos; tambem costumam os turcos pendurar nas mesquitas grandes ovos d'abestruz; singular uso de que não achamos explicação. O pavimento geralmente é forrado de esteiras egypcias, compactas e de boa qualidade. Accresce nas mesquitas imperiaes a tribuna do sultão, e o *minber*, especie de mirante, da fórma d'um pombal, com uma escada, que não deve ter mais de 23 degraus, por onde em certos dias sobe o *khalib*, ou principal ministro da mesquita a recitar uma extensa profissão de fé e excommungar todas as crenças, excepto a do Alcorão.

CARTA DO BISPO OSORIO AO CONFESSOR
DE D. SEBASTIÃO.

D. JERONYMO Osorio, bispo de Silves, foi um dos luminares da litteratura portugueza no decimo sexto seculo, posto que em latim escrevesse a maior parte das suas obras, e com tal pureza e primor de estylo que mereceu ser chamado o moderno Cicero, tendo conseguido não só imitar, mas tambem supprir escriptos perdidos daquelle grande mestre de eloquencia, e da lingua romana; por tal fórma que muitos suppozeram que elle descobrira e restaurara o tratado de gloria: vê-se porem a falsidade desta hypothese do contexto dos livros latinos de Osorio, que versam sobre variados assumptos, alem do que apontámos, incluindo-se neste numero uma paraphrase do livro de Job, e a famosa historia de rebus *gestis Emmanuelis; Vida e acções d'elrei D. Manuel*; que teve por digno interprete o classico Filinto Elysió, que a passou com fidelidade e pureza para o idioma patrio.

Nasceu Osorio em Lisboa, oriundo de illustre fa-

milia, no anno de 1506: frequentou com grandes creditos as universidades de Salamanca, de París, e de Bolonha; regeu na de Coimbra, com grande applauso, a da exposição das Escripturas; foi muito acceito ao infante D. Luiz, a quem dedicára o tratado da nobreza; logrou a estimação não só dos soberanos, que empunharam por aquelle tempo o sceptro portuguez, mas dos summos pontifices e de outros principes e de muitos sabios da Europa. Em 1564 foi nomeado bispo de Silves, e ainda no seu tempo se transferiu a cadeira episcopal do Algarve, em Março de 1577, para a cidade de Faro, onde se conserva. Passou da vida mortal aos 20 de Agosto de 1580. Se as lettras lhe deram nome, não menos preclaro foi nas virtudes moraes e christaãs: assim como se distinguia pelo zêlo com que advogou os interesses e independencia de Portugal, e com que pertendeu embargar a fatal expedição d'África, dissuadindo a elrei D. Sebastião de tão temeraria empreza, não recendo oppor-se com energia aos valídos e poderosos. Um distincto escriptor, a quem deve não pouco a nossa litteratura, o Sr. Ferdinand Denis, diz, tratando deste respeitavel prelado, que «sabia fallar ao povo e incliná-lo á tolerancia; era possuido por um profundo sentimento da verdade e ousava dizela aos reis.» — Pela carta abaixo inserta se conhecerá a louvavel franqueza com que Osorio pugnava a favor da patria; a nobre liberdade, o estylo firme, a rectidão das ideas, que por toda ella se observam, dão testemunho do caracter do auctor. Alem disso este papel é um precioso documento historico, e assentámos que era digno de ser mais conhecido do que geralmente é. Sentimos o não termos podido obter um exemplar da edição, que das — Cartas de Osorio — mandou imprimir em París o professor, Alvares da Silva, socio da academia Real das Sciencias, para o confrontar-mos com a edição de A. L. Caminha, Lisboa, 1818, que é cheia d'errores typographicos, que diligenciámos emendar. Desta nos servimos para trasladar a carta, que segue, e que é a 2.^a da collecção, sendo dirigida em 1570 ao jesuita Luiz Gonçalves da Camara, mestre e confessor d'elrei D. Sebastião, e irmão do valído, Martim Gonçalves da Camara.

*

SENHOR. — Sómente aos reis me parecia que se estendia aquella praga de ninguem lhes fallar verdade, senão os cavallos, porque elles os desenganam á sua vista de serem ruins cavalgadores; mas já vejo que é mal, que os principes apegam a todos os que lhes são acceitos, pois sendo Vossa Reverendissima membro de uma tão santa Companhia tem tão poucos que lhe digam a verdade, que passa, como se enxerga no modo com que as cousas procedem em Vossa Reverendissima, e o senhor Martim Gonçalves, vosso mui querido irmão; porque nem os padres da Companhia andam tão fóra do mundo, que não saibam as cousas muito publicas nelle, pois alguns até nas muito secretas e particulares se intromettem, nem devem de ser tão interesseiros, que por seu proveito temporal [como a gente cuida] deixem uma pessoa, entre elles tão principal, proceder tão singela e confiadamente, podendo com o desenganar pôr o remedio, que a quietação desta affligida e desconsolada terra ha mister, e que da virtude e discrição de Vossa Reverendissima se espera; e isto me moveu a querer-lhe escrever do que na terra passa, como quem o sabe da mais verdadeira maneira, que as cousas da vida se podem saber, e como quem não pretende, nem quer d'elrei nosso senhor, nem dos que andam a par delle, mais que o

bem commum e ver a sua patria livre do mais triste estado em que se ella nunca viu; e se Vossa Reverendissima soubesse o amor, que sempre tive á Companhia e a Vossa Reverendissima em particular, posto que nunca o tratasse, veria que me havia de crer mais facilmente; e quando o não fizer, Deus, que sabe tudo, o julgue.

Primeiramente, Vossa Reverendissima está havendo na opinião da mais gente desta terra, e ainda dos que mais salas lhe fazem, e se lhe mais submettem, por mais amigo do mundo e honra do que esse habito requer; porque dizem que quando Vossa Reverendissima se não correu de ser o primeiro da Companhia que accitasse por sua pessoa os officios publicos, e governo da terra, e que logo ordenou as cousas, e entabolou seu irmão mancebo, sem experiencia de negocios, sem auctoridade, sahido das escholas de quatro dias com mediocres lettras, pobre de conselho, com elrei menino, para que fôra necessario resuscitar o conde D. Nuno Alvares Pereira, ou outro dos antigos de Portugal, ainda que não fosse mais que por a decencia da pouca idade d'elrei, o qual dizem que Vossa Reverendissima o faz homem, para não haver mister ninguem, e menino para vosso irmão haver de fazer tudo. E por isso consentiu que o cardeal em Leiria aconselhasse a elrei que lhe desse o officio de escrivão da puridade, por um só anno, para remedio das calamidades presentes; e para assim o encaixar mais facilmente, e com menos escandalo, o qual foi tanto pelo contrario, que quanto no negocio se empregou mais manha, tanto foi o escandalo maior da terra; porque quando Vossa Reverendissima fôra de parecer que lançassem o secretario Pedro de Alcaçova para mandar buscar a Traz-os-Montes quem entrasse naquelle logar, parecêra zelo da republica; mas quando o effeito disso foi engrandecer vosso irmão, com tanto escandalo de toda a terra, julgaram todos que a este fim se ordenaram estas cousas, e a isso atirou sempre a diligencia de tirar de a par de elrei todas as pessoas de que elle mostrava gosto, assim Pedro Nunes, cosmographo-mor; porque tomado elrei, á fome, como agora dizem que está, não podesse gostar senão de Vossa Reverendissima, ou de cousa vossa, nem haver que prestavam, senão os que procedessem desta fonte.

A isto se ajunta o modo por que dizem que o Sr. Martim Gonçalves governa, izento e absoluto, quanto nunca se viu nesta terra, nem fôra della, em homens que valeram muito, de differente idade, experiencia, prudencia, e auctoridade, e ainda porventura em Castella no tempo de D. Alvaro de Luna; porque o menos que dizem que faz, é responder a pessoas gravissimas que disso se queixam, que não hade consentir que elrei faça tal ou tal cousa; e das que lhe percebem passa portaria, sem elrei o saber, e a este tom outras taes, que de a gente lhe não saber a rasão, lhe dá algumas tão abominaveis, que é medo cuidar nellas, de maneira que a linguagem da gente mais grave é terem um rei captivo de dois irmãos que, pouco a pouco, o vão fazendo outro rei de Ormuz; tanto que tem a mais da gente assentado comsigo que Vossa Reverendissima, por ter a elrei mais seguro, lhe faz prometter voto de obediencia, como os da Companhia costumam a seus confessados; o que, posto que seja desatino, de que ninguem se póde crer, por elle julgará Vossa Reverendissima os animos e conceitos da gente. O que acabou de confirmar esta ida de Coimbra; porque sendo contra parecer de todos, e com tão publico desgosto do cardeal, em tempo tão incommodo, e pelos negocios que estavam por davante, dizem que

não póde ser, senão que a Companhia e o senhor vosso irmão a ordenaram, por ir mostrar seu imperio a Coimbra, onde se crearam, e irem triumphando d'elrei, e fazerem-se com isto mais temidos e venerados na terra. Juro a Vossa Reverendissima, pela conta que heide dar a Deus, que nem tiro nem accrescento uma só palavra ao que a gente de mais tom diz. De vossa tenção não fallo, porque desta só póde Nosso Senhor julgar. Elle me é testemunha que nunca duvidei da pureza e inteireza em todas as cousas, e que nesta ida de Coimbra, tão pasmada de todos, sempre tive para mim, que lh'a consentia Vossa Reverendissima, por haver por perigo quebrarem todo o appetite a um rei moço, da qual rasão não trato, ainda que tenha muitas respostas: vá, e Nosso Senhor o traga com muita saude, e menos appetites. Sómente lembro a Vossa Reverendissima que, quer a tenção sua e do Sr. Martim Gonçalves seu irmão seja sustentar esta grandeza, em que a fortuna os poz, como o mundo cuida, quer o bem commum, como Vossas Mercês dizem, nunca vi maior esquecimento que tratarem as cousas de maneira que se façam a si e a toda a Companhia e á pessoa de um rei de dezeseite annos, que naturalmente é amavel, os mais aborrecidos e os mais odiosos, que quantos nunca houve em Portugal, antes nem depois de elrei D. Pedro o Crú; em tanto que nos logares onde a gente de todos os Estados falla sem medo, verão que tomariam antes ser governados por dois turcos, que os tratassem com amor e prudencia, que do modo que agora são; e nenhum mal tamanho podia vir ao reino, nem á pessoa propria de elrei, que Nosso Senhor guarde, que não houvessem por grande dita, se com isso se houvessem de ver livres do estado em que se vêem. Nosso Senhor é testemunha que nada accrescento á commum opinião, desejos e praticas da mais da gente, e de mais qualidade.

Ora como póde Vossa Reverendissima cuidar, e o senhor vosso irmão, que mando tão forçado póde durar, e que corações violentados e tyrannisados se podem ter muito que não arreentem por alguma parte, ou que bem póde fazer á terra que iguale a tamanho mal? Porque, se tratam de tirar peccados, como dizem, que nunca na terra houve tantos, nem tão prejudiciaes, porque ainda que nos da carne haja porventura menos dissolução publica [do que duvido muito] de secreto ha os que sempre houve, e que basta para condemnar as almas; e dos peccados de espirito, que são dos peiores, quasi ninguem está izento; porque o aborrecimento de elrei é geral em todos, o odio dos que valem com elle é publico, folgar com todas as obras de males da republica é commum, o murmurar das pessoas é infinito; e senão mande Vossa Reverendissima perguntar por esses confessionarios, e veja quantas pessoas e gente acha mettidas nestes peccados mortaes, e quão mau remedio lhes sabem, nem podem dar, pois as occasiões vão crescendo cada vez mais, e não póde a desventura chegar a este reino a peior estado, que suspirarem linguas [e darem animos e lealdades portuguezas] por senhorio estrangeiro, e darem rasões para lhes ser melhor servir a Castella que serem tyrannisados dos naturaes, e dizerem alto que pouco lhes vai em dizer: *beijo as mãos*, ou *beso las manos a vuestra merced*; e escreverem-se disto tantas cartas e novas a Castella, que é medo.

Pois que fará um reino tão pobre e tão pequeno, faltando-lhe o amor e lealdade dos naturaes, e o aborrecimento de senhor forasteiro, que fez sempre a sua principal defensão? E não se espante Vossa Reverendissima disto, porque a gente que nunca vi-

veu senão da affabilidade do seu rei, não póde amar um rei montezinho, e que não vê nem conversa gente de que mais se hade servir; o que dizem que ainda que em parte venha d'elle ser corrido naturalmente, todavia a maior parte, dizem todos, que nasce de Vossa Reverendissima e o senhor vosso irmão recearem que se elrei conversar gente nobre, se affeioe a outrem mais do que a elles; o que affirmam os que alguma hora fallam com elle de vagar, porque certificam que acham nelle tanta habilidade e tanto gosto de tratar com os homens, que não póde ser senão por isto; e que se o libertassem, e lhe não dessem tanto por onças a conversação dos seus vassallos, fóra o mais excellente rei, e o mais amado do mundo. Oh que se é verdade! oh infeliz Portugal! pois Nosso Senhor permittiu ajuntar em um mesmo rei, sujeito para ser tão amado, e conselho para ser tão aborrecido; natureza em que se enxerga o que sua vontade nos quiz dar, e creação em que se visse o que nossos peccados nos puderam tirar!

Bem creio que haverá razões secretas porque Vossa Reverendissima e o senhor vosso irmão entendam que convem ser assim; mas por uma parte não houverão Vossas Mercês de ser nisto tão interessados, assim para poderem de si fiar, como para nós cuidarmos que acertavam; e pela outra não sei que mal podia nascer de se elrei affeioar aos homens, tamanho que se possa comparar com uma tamanha desconsolação da terra, tamanha inquietação da nobreza, tamanho odio dos particulares, o qual é muito maior do que nesta posso dizer.

Ainda digo a Vossa Reverendissima, segundo as cousas tem parecido até aqui, o que sua habilidade bastava para advinhar, porque depois que com tão universal alegria de todos elrei nosso senhor tomou o sceptro, logo parece que tratou mui de proposito quem quer que foi de lhe dar olhado a esta sua felicidade; porque fóra este mau tratamento, metteu a mão em não entender até agora com este zelo de justiça senão sómente nas cousas que destroem a nobreza por sujeita, e homens de sangue e honrados. Deixo tudo o que se fez nas commendas, pois a experiencia lhe deve ter já dado o arrependimento, no modo desta devassa geral dos officiaes, e nos edictos que se puzeram, bem se enxergou desejo de se mostrar elrei inteiro, e faze-lo amado do povo, pois queria acudir pelos agravos que lhe faziam seus officiaes; mas como as cousas que não procedem conforme a lei de Deus e as regras da justiça não podem succeder bem, foi alcatrão que se lançou no fogo deste commum odio e descontentamento da terra, principalmente contra os inventores e ministros della, porque, segundo dizem, nenhuma cousa houve menos nella que ordem de justiça e caridade christã, e fica a gente colligindo daqui, que os que andam a par de elrei querem introduzir na terra um modo de governo absoluto, e quasi tyrannico, e praza a Deus que não custasse as almas a muita gente: digo isto, porque já entendo que pelos confessionarios andam testemunhas falsas, que accusaram pessoas, e obrigações que nunca foram, e, o que peor é, que dizem por cá, que já na mente d'elrei e do cardeal e do Sr. Martim Gonçalves estavam condemnados os officiaes de que tinham descontentamento, por aquella negra ordenação que o cardeal trouxe ao mundo, e que esta devassa não se tirou desta maneira senão por justificar o que elrei já tinha determinado de fazer; o que está tão mal recebido de todos [e principalmente letrados] que muitos julgam por maior offensa de Deus proceder desta maneira, que privar homens de seus officios

de poder absoluto; o que se assim é, lembro a Vossa Reverendissima, como devoto desta santa Companhia, que attente muito bem como elrei procede nisto, porque como se entende que tudo se faz por ordem da Companhia, o fructo que daqui se tira será faze-la mais odiosa do que hoje está por nossos peccados.

Dir-me-ha Vossa Reverendissima que estava a terra perdida, e que era necessario remedia-la assim com leis, como com castigo, e que isto faz elrei odioso, e aos que com elle communicam. Prouvéra a Deus que estivera ganhada, e que me custára a vida; mas dizem por estas pragas que então poderão cuidar ser isto assim, quando virem os officios providos a homens de muita experiencia e entendimento, que não faltam na terra; mas que vêem que toda esta reformação resultou em darem a voga a homens do humor e parcialidade de quem os inculcou, assim para se sustentarem melhor com estes esteios, como para justificação do que quizerem fazer, e o peor é que dizem que fazem bem de saber pouco, e que saber muito e ser para muito é caso de menos valer; mas seja tudo como dizem a elrei nosso senhor os que andam a par d'elle, e os que se querem fazer formosos com os peccados alheios. Vossa Reverendissima olhe por amor de Deus que prudencia é pôr cauterios em todos os membros juntamente, ou que forças ha que possam soffrer uma cura universal, e tão rigorosa, ou que se póde esperar, senão que por uma chaga amanheçam cento! E não fóra mais siso não assombrar a terra com rigores, senão ir pouco a pouco, e não dar a entender á gente que não tem rei para mais que para executar o furor, ou a tenção, ou odios, ou intentos dos que andam a par d'elle? E que houvesse muita occasião para se dizer que era isto mais conjuração que reformação; pelo estado em que a terra e a fazenda d'elrei agora está, vemos que ainda tinha assento para ser curada em dois, ou em tres annos, sem deshonoras tão grandes e geraes. E poucos dias ha ouvir dizer a um prégador sisudo e devoto, que dizia S. Thomaz, que governo muito aspero e severo não era do tempo de Deus, nem conforme a lei. Ora se Vossa Reverendissima cuida que isso é mostrar animo e inteireza, pequeno animo é ser severo, e inteiro com a mão de um rei menino, que não entende o que ganha no amor, nem o que perde no odio dos vassallos; alem disto, como lhe parece que receberia a terra o canonisar elrei pelo papa a deshonor de seus officiaes? Estar o reino perdido, cuidam os mais dos homens que foi manha da Companhia para grangear sua santidade com isto para suas pertençaes; o que dizem lhe succedeu como ella pintava; porque até agora dizem que não tem isto fundido mais que perda dos fidalgos, e proveito della. Ainda que todas estas cousas que tenho dito não fizeram mais mal, era desacreditar a Companhia com a mais da gente, e com aquella principalmente, que della tinha mais necessidade espirital, e faze-la tão odiosa geralmente da gente, como está; porque não podemos negar que fez Nosso Senhor muitas mercês, assim geraes como particulares, com o modo por que ella muitos annos procedeu, emendou muitos peccados, reformou muitos peccados, reformou muita gente, plantou devoção na terra, ensinou a frequentar os sacramentos, finalmente fez á gente entender que cousa era ser christão; e foi actor que os outros religiosos fizessem o mesmo, e com mais fervor, e prouvéra a Deus Nosso Senhor que durára sempre nisso, ainda que fóra em choupas, e sem tratar de mais rei, que só do céu; e depois que a viram tratar de adquirir tanta ren-

da, começou a perder o credito, e ainda mais com os ecclesiasticos que viam que se tirava a elles o que se dava a ella; porem depois que se apoderou da pessoa real, em que consiste todo o bem, e toda a consolação da terra, e vêr o reino que as pessoas por que elrei se governa eram da Companhia, ou da sua cevadeira, e feito para ella ser tudo em tudo, e justamente verem que o fructo disto é tamanho odio de seu principe, e tão geral a desconsolação, que se converte toda a edificação em escandalo, todo o amor em odio, cessou a maior parte do proveito espiritual que fazia; porque lhe juro diante de Nosso Senhor, que nem as prégações dos pobres teem credito por esse respeito com a mais gente, nem muitos dos seus devotos teem já devoção de se

ir confessar com elles. Se a tenção da Companhia é enriquecer e mandar, a sua tem já no fito, mas se é o proveito das almas, que fructo póde fazer gente tão odiosa e tão aborrecida, e que os homens estão persuadidos ser causa da sua destruição? Attente Vossa Reverendissima, por amor de Nosso Senhor, e em reverencia de suas chagas, bem isto, e veja que não venham elles a serem Páris e Helena desta santa Companhia; e pondere bem qual é maior, se o fructo espiritual que se perde no seu proprio serviço, se o temporal, que se ganha por este caminho: não queiram, por amor de Deus, engrandecer por si, e Deus os engrandecerá, tratem menos dos principes, e poderão livremente tratar de Deus.

(Concluir-se-ha.)



RETRATO DE M.^{me} DE STAEL.

QUASI todas as nações da Europa tem visto mulheres que na politica dos estados igualaram os mais excellentes principes. Em todas tem apparecido distinctas escriptoras nos variados ramos do saber humano; talvez porem que nenhuma subisse a tamanha altura pelo vigor e profundidade dos pensamentos, pela energia e colorido do estylo, como a nossa contemporanea, M.^{me} de Stael.

Foi seu pai o celebre administrador de fazenda publica, Mr. Necker, que vendo-se encarregado de serios negocios deixou ao cuidado da mãe a educação da filha: no systema, que seguiu a illustrada preceptora, que ao natural affecto ajuntava não vulgares desvelos, havia uma feliz conformidade com as disposições da educanda; isto é, todas as noções e

estudos se dirigiam ao desenvolvimento do juizo. Em casa de Necker reuniam-se os maiores litteratos e os mais profundos talentos do fim do seculo passado, e todos se admiravam de ouvir conversar aquella creança com vivacidade e exacção d'ideias, muito superior ao sexo, e á idade, que tinha então de dez annos. M.^{me} de Stael contava apenas 15 annos, e já se occupava em fazer extractos do *Espirito das Leis*, acompanhando-os de reflexões proprias. Verdade é que a sua educação primeira proseguiu, para assim dizer, em meio d'uma sociedade frivola, qual costuma ser a dos tempos pacificos, apesar das pessoas mui distinctas em saber, que em grande parte a compunham: mas a propensão da discipula desde o começo a afastou dos brincos da imaginação, das phan-

tasias e bagatellas agradaveis, levantando-a a mais subida esphera, e dando logo a conhecer, na meditação, na escolha das leituras e nas primeiras tentativas, a notavel escriptora. Porem depois nova e porfiosa arena se abriu, aos debates litterarios seguiram-se as theses politicas. No centro da grande agitação que precedeu, e immediatamente acompanhou a espantosa revolução franceza, M.^{me} de Stael, que tinha intimidade com todas as pessoas celebres, que pretendiam ou accelerar ou reprimir aquelle impulso politico, passou por todas as alternativas de terror e de esperanza, que encheram o espaço de dez annos: então começou para ella a segunda educação, toda filha da experiencia, como a primeira o fôra da theoria. Engrandeceu-se com estudos serios, conheceu praticamente as vicissitudes dos estados, e o seu pensamento converteu-se n'um poder que em tempo do imperio lutou contra o poder quasi immenso de Napoleão. — Em anedotas vagas, incertas, e por ventura calumniosas, inquiriram alguns as fontes da perseguição, que um heroe guerreiro, conquistador de vastos dominios, promoveu contra uma mulher que outras armas não possuia senão as do talento; mas escusado é recorrer a esses subterfugios; a differença dos principios era a causa principal do odio. Ora os escriptos de Necker, ora os de sua filha, atormentavam o consul, que punha os pés nos degraus do throno imperial, até que estalando o rancor, M.^{me} de Stael se viu proscripta de París, que era a sua mais estimada residencia, e aproveitou dez annos de desterro [porque parecia que de decenio em decenio o destino lhe marcava as epochas da vida] para viajar pela Allemanha e pela Italia, regiões, sobre as quaes escreveu duas obras, que ainda com admiração consultam os homens de mais vigoroso entendimento. Chegou todavia a pôr pé em França; destinando-lhe porem o poder dominante o castello de Coppett para residencia forçada, mais claro, para prisão apenas com a homenagem n'um ambito de duas leguas de diametro, preferiu sahir novamente dos limites do territorio francez, e percorreu os paizes do norte da Europa, parando na Inglaterra, onde em Londres lhe chegou a noticia da queda do poderoso que a perseguia, e de que as portas do reino, que mais presava, lhe ficavam patentes.

Anna Luiza Germana Necker nascêra em París a 22 de Abril de 1766, e sındou a carreira de seus dias a 14 de Julho de 1817: tomou o nome de M.^{me} de Stael de seu marido o barão de Stael-Holstein, embaixador da Suecia junto á côrte de França. É um daquelles nomes que não se apagam das paginas d'uma historia litteraria; porque influiu nas idéas e nos progressos litterarios do seu seculo. Entre as suas numerosas obras distinguiremos as seguintes: — *Da litteratura considerada nas suas relações com as instituições sociaes.* — *Da influencia das paixões sobre a felicidade dos individuos e das nações.* — *Considerações sobre a revolução franceza.* — *Corinna, ou a Italia.* — *Da Allemanha.* — *Cartas sobre J. J. Rousseau.* — *Reflexões a Mr. Pitt e aos francezes.* — *Dez annos de desterro;* e alem destas o romance — *Delphina* —, e um livro (*) especialmente dedicado á memoria de seu illustre pai, a quem sempre honrou com filial piedade.

Temos trasladada ao portuguez uma das melhores obras de Stael «*Corinna ou a Italia*» por uma senhora, já fallecida, que modestamente firmou a traducção apenas com as iniciaes do seu nome — *Dona F. de P. P. da C.* — Os tres primeiros tomos sahiram em 1834, e o 4.^o em 1835: o Sr. Castilho, dando noticia desta publicação no 1.^o quaderno do

(*) *Do caracter de Mr. Necker e da sua vida privada.* 1804.

jornal da *Sociedade dos Amigos das Lettras*, exprime-se da seguinte maneira. — «Este livro é verdadeiramente um monumento da gloria intellectual feminina: a heroína, a auctora, a traductora, constituem um grupo de graças não fabulosas para o entendimento.» — Nós ousaremos acrescentar que é uma das obras mais conveniente para desarreigar o gosto da leitura de insipidas novellas; porque tendo os attractivos d'um romance encerra ao mesmo tempo curiosas noticias e solida instrucção.

AGRICULTURA.

1.^o

AS RÉGAS; E O TRATADO DAS HORTAS.

Já em o N.^o 194, pertencente ao actual volume, demos noticia do *Tratado da Lavoura*, 1.^o do Curso elementar de Agricultura de Mr. Raspail, dado em linguagem portugueza e annotado pelo Sr. Dr. Figueiredo. Acaba de imprimir-se na typographia deste nosso jornal o 2.^o Tratado, que tem por objecto «as hortas», e pelo que toca ao trabalho original e aos desvelos do traductor não desdiz do que o precedeu. Começando por ensinar os meios de melhorar e adubar o terreno, de abrigar as plantas, e de impedir ou destruir as pragas que antes de seu desenvolvimento as accommettem, prosegue com todas as operações relativas ás sementeiras e á colheita e conservação das sementes, até chegar aos capitulos das culturas especiaes, tratando distinctamente das raizes, hortaliças, legumes, plantas aromaticas, fructos da terra, cogumelos &c, rematando com o repertorio dos hortelões, e as notas do traductor. Pelo que respeita ao systema geral da obra referimo-nos ao que anteriormente dissemos.

Observâmos porem que os jornaes litterarios estrangeiros não só dão miuda noticia das publicações interessantes que sahem dos prelos, como tambem a cada passo extrahem desses livros longos pedaços, com que enchem suas columnas, escolhendo os trechos ou mais curiosos ou de mais geral interesse para os leitores. Com effeito não há pratica mais razoavel na confraria das lettras e sciencias; porque assim como da qualidade das fazendas se ajuiza por amostras, os livros serão em certo modo apreciados por aquelles extractos. Os semanarios, populares como o nosso, de França e Inglaterra, vem recheados de passagens ou de auctores classicos ou de recentissimos escriptores; porque como poderá adquirir os primeiros quem talvez os desconhece e quem de certo não pôde ajuntar copiosa livraria? como poderá ter cabal informação dos segundos quem apenas alcançou noticia delles por um sêco annuncio de gazeta? — É por isso mui util que com escolha prudente vamos encelleirando em proveito commum as riquezas d'uns e outros.

Valiosas são as notas que o traductor ajuntou ao tratado das hortas; poderiamos citar a primeira sobre a difficuldade da versão de escriptos desta natureza, e as que tem por objectos a influencia da elevação do terreno na temperatura ou nos climas, o uso das redomas na horticultura, as causas da degeneração das plantas e os meios de a evitar, a cultura das melancias, a theoria do etiolamento ou branqueamento das hortaliças, a applicação do calendario de Flora aos trabalhos agrarios, os caracteres por onde se distinguem os cogumelos venenosos, &c.; todavia poremos aqui sómente a parte principal da nota que versa sobre *as régas*, por nos parecer assaz importante. —

— « O conhecimento das aguas, do terreno e das plantas que nelle se cultivam é a principal base sobre que hão de assentar quaesquer preceitos, que se queiram estabelecer ácerca do modo pratico d'executar as régas.

Nenhuma duvida ha que a melhor agua seja a da chuva, sem que até agora haja sido possível explicar completamente as causas de sua superioridade, sendo que as proprias plantas aquaticas medram com ella. O orvalho da noute é outro beneficio de que principalmente gozam as plantas dos climas meridionaes, aonde o calor do dia produz grande quantidade de vapores, que o subito esfriamento das noutes serenas torna outra vez a condensar e a fazer cabir em chuva miudinha sobre as plantas sequiosas. As chuvas do inverno ou muitas vezes o derretimento das neves na primavera fazem trasbordar os rios, cujas aguas, espriando-se sobre as proximas campinas, nellas depõem o nateiro ou deposito fertilizador de substancias animaes e vegetaes, que trazem d'envolta. Taes são os meios por que a natureza rega: por feliz se deve dar o homem se a bem souber imitar.

Já daqui se conclue que as melhores aguas para regar não são as aguas limpidas, mas sim as turvas, as das enxurradas, principalmente as que passaram por grandes povoações, e que vem carregadas d'immundicies, com que fertilizam os campos, ministrando ás plantas, alem da humidade, muitos principios nutrientes. Tambem se concebe facilmente que as melhores aguas serão as mais arejadas, e as estagnadas pelo contrario as menos proprias para as régas. As aguas tambem são más quando vem carregadas de muitos saes terreos, principalmente de sulfatos e muriatos, os quaes tem o grave descontento de se incrustarem sobre as raizes das plantas e torna-las incapazes para a absorpção, assim como de formarem sobre o terreno uma côdea impenetravel ao ar. Para evitar ambos estes inconvenientes, assim como para arejar as aguas, costumam muitos agricultores faze-las cabir d'alto sobre rama d'arvores, feixes de vides &c.; por este modo lhes fazem largar grande porção desses saes nocivos á vegetação.

O meio mais simples e geralmente sabido para julgar da boa ou ruim qualidade das aguas consiste em experimentar se cosem bem os legumes (feijões, favas, ervilhas &c.) e se desfazem o sabão. As que que não preenchem estas condigões só em ultimo caso se hão de empregar; o seu principal defeito está em serem muito abundantes de saes, principalmente de sulfato calcareo (ou gesso).

Quanto á quantidade da agua quer-se que seja sufficiente e proporcionada ao genero de cultura e natureza do terreno; a excessiva quantidade pôde ser tão prejudicial como a sua falta. Quando é pouca é mister sabe-la poupar; se fossemos a que-re-la conservar sempre corrente, antes de chegar ás plantas, já a terra a havia chupado, ou se tinha dissipado no ar; por isso o mais acertado é guarda-la em tanques ou quaesquer reservatorios, que a não deixem sumir, e não regar senão quando a necessidade o requerer; no caso de ser muito pouca mais vale regar de cada vez com fartura uma só porção da fazenda, do que distribui-la escassamente por toda ella. Se a mesma agua vai successivamente a muitas partes, a ultima que a recebe aproveita menos, porque antes de lá chegar já tem de posto todo o nateiro; convém logo trocar a ordem da réga, e fazer com que a agua vá directamente a cada parte por seu turno.

A natureza e configuração do terreno são duas circumstancias muito attendiveis no objecto que nos oc-

cupa. A nenhum terreno mais aproveitam as régas do que aos leves e areentos, aos pedregosos, aos cretaceos, e em geral aos que são mais aridos. As terras argilosas querem, pelo contrario, ser regadas em menor abundancia e muito mais raras vezes. Os terrenos de turfa ganham em serem regados com muita agua, para assim perderem parte de sua acidez.

O sub-solo, ou camada inferior do terreno tambem influe muito para o caso, e talvez mais ainda que a propria camada superior; com sub-solo arenoso até os terrenos argilosos supportam bem a grande abundancia d'agua; com sub-solo argiloso o terreno mais delgado se contenta com pouca agua, e a muita lhe faz damno.

A fórma e disposição do terreno é, como disse-mos, de muita importancia. Os terrenos muito enladeirados, principalmente os arenosos, pouco aproveitam com as régas muito copiosas, as quaes, em vez de os fertilizarem, lhes levam para os baixos toda a substancia dos estrumes. Neste caso encaminhem-se as régas em direcção que cruze a do declive, e sejam mais amiudadas e menos abundantes. O terreno desigual tambem offerece seus inconvenientes, já porque alguns altos e corcovas ficam ordinariamente por regar, já porque a agua se lhes empoça em muitos baixos. Por estas rasões é de toda a necessidade proceder a um exacto nivellamento do terreno, antes de nelle estabelecer qualquer systema de régas a valer. Convém igualmente aplanar, quanto fôr possível, todas as desigualdades, e dirigir as aguas por fórma que vão ao maior numero de partes.

É tempo de considerarmos as régas em relação á natureza e estrutura das plantas, ao fim para que se cultivam e aos diversos periodos de sua vegetação.

A abundancia das régas faz crescer as plantas em viço, isto é, em partes herbaceas; a sua escassez dispõe-nas a florir e fructificar: donde se segue que, conforme o producto que queremos colher, assim precisamos regar com mais ou menos profusão. Com agua se faz herba, dizem os Allemães, querendo significar que, para haver bons prados, é mister regalos com fartura; a maior parte das hortaliças tambem querem bastante agua: importa pelo contrario ser mui parco em régas para com as plantas que se cultivam para se lhes colher o grão; os pães muito regados só crescem em cana e dão a espiga vã.

As plantas, cujas raizes se cravam pela terra abaixo até grande profundidade, carecem de muito menos agua do que as de raizes mais á flor da terra; esta é a rasão porque preferimos a luzerna para prados artificiaes, nos sitios aonde se não pode regar com muita abundancia. As plantas tuberculosas (as batatas) querem pouca agua, e as bulbosas (cebollas, alhos &c.) ainda menos; o mesmo tem logar com as que são dotadas de folhas muito carnosas.

As plantinhas muito novas, as que se criam em alfobre para ao depois se disporem, querem que as reguem a miudo, mas pouco de cada vez; as que estão em toda a força de sua vegetação herbacea exigem regas abundantes; mas como são em flor ou em fructo, contentam-se com muito menos agua: este periodo é na verdade destinado pela natureza para a elaboração dos succos formados no periodo anterior.

Distinguem-se duas principaes sortes de régas, segundo os orgãos que mais directamente recebem a acção da agua; dá-se o nome de *réga de mão*, de *aspersão*, ou *réga propriamente dita*, á que se executa ordinariamente ao regador, deitando a agua sobre a rama das plantas; *réga de pé* ou *irrigação* é quando se encaminha a agua em roda do troço das

plantas de modo que, embebendo-se na terra, seja immediatamente chupada pelas raizes.

A primeira, praticavel só em ponto pequeno, convém principalmente na primavera, quando a terra se acha ainda humida e a atmosphera secca; quando as folhas estão cobertas de pó e são de natureza tal que a agua lhes não possa fazer damno. A segunda, unica exequivel quando se regam grandes porções de terreno, mas applicavel tambem nas pequenas culturas, é preferivel todas as vezes que o terreno está muito secco; quando se receia que a agua, ficando ás gotas sobre as folhas, as possa queimar, pela concentração que faz dos raios do sol; ou quando as mesmas folhas, por qualquer outra fórma, podem padecer com o contacto da agua.

A régua propriamente dita faz-se por meio de regadores ou de bombas de mão, e nenhum preceito tem, alem dos já expostos no texto, em quanto ao modo pratico de sua execução.

A régua de pé ou irrigação constitue só por si uma arte importantissima, cujos principios nos é impossivel expôr neste logar com a devida extensão. Basta que varia muito segundo a quantidade da agua, segundo a relação de seu nivel com o do terreno que se pretende regar, e segundo é corrente ou estagnada &c. Nas fazendas que ficam á beira d'agua corrente é mui facil a régua, quando o terreno é bem igual e está de nivel com a mesma agua ou pouco mais alto; neste ultimo caso não é preciso mais do que fazer uma repreza ou açude, que faça subir a agua quanto baste para a poder encaminhar para o chão que se quer regar, encana-la por um grande cano ou valla principal, reparti-la depois pelas diferentes peças, por via de regueiras secundarias, que se vão successivamente subdividindo até que a agua se embeba bem por igual pelos diferentes canteiros; a régua vem a fazer-se deste modo por uma especie de infiltração.

Outras vezes rega-se por verdadeira inundação, deixando as plantas por mais ou menos tempo cubertas d'agua; é assim que ordinariamente se executa a régua dos arrozaes e dos prados. O fim que principalmente se tem em vista por via das inundações é fertilizar o terreno com o nateiro que as aguas depositam; neste caso é mister faze-las escoar e enxugar o prado, tanto que aclaram ou começam a corromper-se, o que se conhece por um genero de espuma branca que criam ao de cima: repete-se esta operação no outono e inverno, o maior numero de vezes que é possivel. Em alguns sitios costumam deixar os prados cubertos d'agua por todo o inverno; mas, para que essas inundações aproveitem, é mister que a agua gele toda sobre a herva, aliás, se só gelasse ao de cima e não pela parte de baixo, estragaria necessariamente as plantas.

2.º

NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROPAGAÇÃO DO PINHEIRO LARIX.

No vol. 3.º deste jornal, a pag. 350 e 351 démos resumida noticia sobre o *pinus larix* de Lin. e a sua cultura, annunciando a distribuição [que fizemos aos nossos assignantes] de porções da semente daquella arvore; porem infelizmente foi de tal qualidade a semente que pela maior parte não nasceu: agora a Repartição que administra as mattas nacionaes mandou vir de fora outra de melhor qualidade, e nos ministrou, por ordem superior, nova porção para distribuir, remetendo-nos ao mesmo tempo alguns

additamentos á noticia acima mencionada, e que dizem respeito ao tratamento dos viveiros do larix.

Como a semente, que nos foi agora entregue, apesar de sua boa qualidade, veio algum tanto tarde, deverá semear-se desde já pela fórma exposta no artigo citado, quando não, talvez seja melhor esperar para a semear no proximo Setembro e Outubro ou em viveiros ou em logar permanente.

O chão que se semear nesta estação com a semente do larix deve por todo o resto da primavera e por todo o verão ser conservado com a humidade necessaria, e por isso não chovendo, se hade borrifar diariamente o viveiro com agua, salpicando-o com um pincel ou vassoura, praticando-se esta régua de madrugada; e onde o viveiro fór em leirões com caminhos fundos no entremeio, pode-se deixar de tempo em tempo entrar agua nos ditos caminhos, para que as grandes leiras d'ahi recebam a conveniente fresquidão.

Como os passaros fazem grande damno nas arvores do larix recém-nascidas, convem cubrir o viveiro com uma rede, se não o tiverem agasalhado por outro modo, cubrindo-o com ramagem posta ao de leve &c. —

Já se poderá fazer a transplantação destes viveiros para outros em Fevereiro do anno futuro, dispondo cada pé de larix na distancia de seis pollegadas um do outro; podendo ficar neste viveiro dois annos, depois do que se transplantarão ao logar permanente. Nos segundos viveiros será tambem necessaria a régua, assim como depois da replantação ao logar permanente no primeiro verão.

Recommendam-se muito estas precauções para se obter a cultura e prepagação de uma arvore, que tão util virá a ser ao paiz.

No escriptorio da typographia deste Jornal se distribuirá pelos senhores assignantes, que precisarem da semente do larix, e que primeiro se apresentarem, a porção que foi entregue á Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

OS PARASITAS.

MUITAS palavras andam hoje em uso com bem diferente accepção da primitiva, que tinham nas linguas antigas, donde os modernos idiomas as tomaram. Outras ha que por circumstancias historicas logo na linguagem em que nasceram adquiriram diverso e ás vezes opposto sentido. *Parasita*, voz grega, significa rigorosamente *inspector de trigos*; e deu-se este nome a certos sacerdotes do gentilismo eucarregados de tomar conta no trigo colhido nas terras sagradas e de dar os banquetes publicos nos templos dos idolos: a princípio gozaram na republica atheniense de grande consideração e assentavam-se a par dos magistrados; mas com o andar dos tempos desacreditaram-se por sobeja assiduidade e intemperança nos taes banquetes, por tal modo que o nome de parasita degenerou em epitheto affrontoso, vindo a ter o significado que ainda hoje lhe damos, isto é, passando a ser applicado aos gulosos e mandriões, que vivem á custa alheia e que não faltam ás mezas dos prodigos, e cobram tambem algumas pitanças por alto, ainda que raras, de muitos poupados, em quanto não são conhecidos. No tempo d'Augusto cresceu tanto em Roma esta praga, que se contaram mais de quarenta mil. — Nós temos um termo classico que traduz muito bem o grego na sua derradeira accepção: isto é, *parasita* quer dizer em bom portuguez *um papa-jantares*.